

Nestes tempos que ainda são sombrios – e ninguém sabe por quanto tempo ainda – importa reafirmar, retomando um texto de Bertrand Russel^[1], que «o professor só pode realizar o seu trabalho adequadamente, se se sentir dirigido por um impulso criador interno e se não estiver dominado e acorrentado por uma autoridade exterior» e que, por isso, o professor precisa de tempo e de «muito maior liberdade» na sua profissão, de «mais oportunidades de autodeterminação, mais independência face à interferência dos burocratas e dos fanáticos».

Não são grandes as alegrias que nestes anos mais recentes nos têm chegado. Nem pelos caminhos que nos tem apontado, e desapontado, a governança geral de quem nos governa cá dentro — para não falar na «lá de fora», que também é «cá de dentro», de tão perto agora que o longe é. Nem pelo que nos tem ministrado quem ministra, desde lá de cima, a Educação. Daqui, em muito do que tem sido feito, não feito e desfeito, mais do que arrumar, do que orientar e alinhar, ajudar a pôr em linha o que também sabemos que ainda não está bem nos caminhos que cremos convenientes na Educação e ao nosso trabalho de ensinar, é o desvalio para a perturbação e desarrumo. É a burocratização crescente no trabalho dos professores e o desconcerto da sua avaliação, é a «examinação» na avaliação dos alunos, é o desvario dos mega agrupamentos de escolas, é o 1+1+1+... alunos em cada ano que passa a crescer as turmas, é o acentuar da diferenciação precoce dos percursos escolares dos alunos, é a desafetação de professores das escolas e de tempo letivo em disciplinas, é a reorganização(?) curricular e o desmando e desconformidade das novas metas curriculares, é o desinvestimento orçamental na educação, nas escolas, nas universidades...

É assim, dizem-nos, como não pudesse deixar de ser assim. E paro aqui para tomar a palavra recente de António Nóvoa^[2], Reitor da Universidade de Lisboa: «A arrogância do pensamento inevitável é o contrário da liberdade. E nestes estranhos dias, duros e difíceis, podemos prescindir de tudo, mas não podemos prescindir nem da Liberdade nem do Futuro.»

A APM já tem 25 anos, fê-los há pouco, no ano passado, mais precisamente. É jovem, portanto, mas já de idade boa. Nasceu de um exercício da liberdade que já tínhamos e de um movimento de Esperança e Desafio^[3], na altura muito alargado e sentido entre os professores de Matemática, contra muita coisa do que então ainda se passava na educação, nas escolas, no ensino, entre os professores. Um movimento que traduzia e exprimia uma enorme vontade de mudança e renovação, sobretudo no que aos programas de Matemática dizia respeito — que penosamente permaneciam, obsoletos, bafientos — mas igualmente no ambiente educativo geral e escolar que continuava muito marcado pela propensão para o isolamento que vinha detrás, endémico e arreigado nos professores e nas escolas.

A APM nasceu de um movimento *contra*, é certo, mas também, e mais ainda, de um movimento *por* e de um movimento *com*.

Um movimento *por* uma matemática escolar mais «viva», mais genuína e apelativa, e mais consonante com as tendências curriculares que emergiam e se difundiam. Um movimento *por* práticas de ensino valorizando o papel do aluno e o seu envolvimento na aprendizagem. Um movimento pela instituição e reforço de

É (a) hora*

práticas de colaboração e cooperação entre professores e escolas, pela abertura e comunicação, pela afirmação das ideias e partilha de experiências, pelo seu confronto e discussão.

Um movimento *com* os professores, pelos professores, para os professores, num ímpeto, entusiasmo diria mesmo, de congregação de pessoas e de esforços para «promover o desenvolvimento do ensino da Matemática a todos os níveis», e «estimular o intercâmbio de ideias e experiências», e «apoiar e divulgar actividades», e «promover a participação activa dos professores»^[4] e...

A APM daí cresceu e se foi desenvolvendo, arriscando eu a dizer, como já disse, que a sua maior contribuição terá sido, talvez, ao nível do ambiente profissional dos professores de Matemática, enriquecendo-o e dinamizando-o, mas, igualmente, ao nível do património de materiais e ideias tornando-o também mais rico e diversificado e divulgando entre os professores.

E todavia, reconheço, e sei que outros reconhecerão, que também daqui, de entre nós, não nos têm vindo grandes alegrias nos últimos anos. Há, sinto, um não sei quê de fechamento e um não sei quanto de abandono ou esmorecimento.

É hora de reunir pessoas e esforços claro, mas também de os mobilizar com (mais) abertura e comunicação, confronto e diálogo, criatividade e iniciativa, afirmação e proposição. É hora — já desde quando? — de afrontar a progressiva menorização do professor, hora também de um exercício na «desobediência», interrogando e interpelando, criticando e contrapondo — e não será sempre?

É também assim, como acredito, que o professor se valoriza, é por aqui também que se valoriza o professor, a figura e o papel do professor.

Num momento, como em outro lado referi, em que todos parecem estar calados, «pacientes» — houve já quem dissesse — perante a situação global que vivemos e face ao que se passa e vai passando «por aí fora», nisto que nos diz directamente respeito, na educação e no ensino da Matemática em particular, é importante encontrar a palavra e dizê-la. Cada um de nós pode ter nisso um papel importante, em cada escola, com cada professor. E volto a António Nóvoa^[5]: «As palavras não mudam a realidade. Mas ajudam-nos a pensar, a conversar, a tomar consciência. E a consciência, essa sim, pode mudar a realidade.»

É hora — e desde há quanto tempo?

Quem mais do que o professor deve nisto ser exemplo e dar exemplo?

Notas

- [1] Trata-se de «As funções do professor» — um texto evidentemente datado mas cuja leitura é bem recomendável — (in EM 91, 2007) cujo editorial escrevi e de onde este extracto foi recolhido, com ligeira adaptação.
- [2] No discurso proferido no passado dia 10 de Junho.
- [3] Editorial de Paulo Abrantes (in EM 1, 1987).
- [4] Estatutos da APM, p. 1.
- [5] Ver nota 2.

Henrique Manuel Guimarães
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

* Inspirado em como termina *Nevoeiro*, o último poema da *Mensagem* de Fernando Pessoa.